



HAL
open science

Lugar social e variação diassistêmica do occitano – Entrevista com Hervé Lieutard

Hervé Lieutard, Marcia dos Santos Machado Vieira, Vanessa Meireles

► To cite this version:

Hervé Lieutard, Marcia dos Santos Machado Vieira, Vanessa Meireles. Lugar social e variação diassistêmica do occitano – Entrevista com Hervé Lieutard. 2022, 10.35520/diadorim.2022.v24n1a54261 . hal-04172619

HAL Id: hal-04172619

<https://hal.science/hal-04172619>

Submitted on 31 Jul 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License



**LUGAR SOCIAL E VARIAÇÃO
DIASSISTÊMICA DO OCCITANO**
Entrevista com Hervé Lieutard

**PLACE SOCIALE ET VARIATION
DIASYSTÉMIQUE DE L'OCCITAN**
Interview avec Hervé Lieutard

Hervé Lieutard

Marcia dos Santos Machado Vieira¹

Vanessa Meireles

RESUMO

Hervé Lieutard é professor titular de linguística occitana na Universidade Paul-Valéry – Montpellier 3 desde 2001. Sua pesquisa concentra-se na análise da variação dialetal do occitano a partir de uma perspectiva fonológica, mas também sobre o lugar social do occitano ao longo de sua história, desde a época medieval até os dias de hoje, estudada através da vasta documentação escrita disponível neste idioma. Nesta entrevista, ele faz um breve panorama das dificuldades da pesquisa em occitano ligadas ao declínio social do occitano, mas também mostra como os processos de revitalização contribuíram para mudar a imagem da língua e para desenvolver novamente sua transmissão e socialização. ²

PALAVRAS-CHAVE: Occitano; Língua regional; Diglossia; Sociolinguística; Fonologia.

1 *Marcia dos Santos Machado Vieira* (marcia@letras.ufrj.br) é professora-pesquisadora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da mesma universidade, e, entre outras responsabilidades, coordena o Projeto franco-brasileiro VariaR – Variação em Línguas Românicas – em parceria com *Vanessa Meireles* (vanessa.meireles@univ-montp3.fr), professora de Língua Portuguesa, Cultura e Literatura do Brasil na Universidade Paul Valéry - Montpellier 3 (França) desde 2017, membro da equipe de pesquisa *Recherches sur les Suds et les Orient* (ReSO).

2 Tradução para o português da entrevista original em francês, por Vanessa Meireles, e revisão final por Marcia dos Santos Machado Vieira.

Questão 1**Professor Hervé Lieutard, poderia falar-nos brevemente de seu perfil de interesses de investigação e articulação de pesquisa(s)?**

A língua occitana tem sido o foco da minha pesquisa por mais de vinte anos. Meu método de estudo desta língua regional da França combina tanto uma abordagem fonológica da variação dialetal específica desta língua como uma abordagem sociolinguística que permite uma melhor compreensão dos efeitos do contato linguístico, em particular entre o occitano e o francês, sobre as mudanças que esta língua sofreu ao longo de sua história e sobre a evolução de seus usos e seu lugar na sociedade francesa.

O occitano, apesar de seu desenvolvimento particularmente importante na Idade Média e seu prestígio literário, nunca se tornou a língua oficial de um Estado. Na ausência de uma forma padrão oficial, é, portanto, uma língua pluridialetoal que se caracteriza por uma variação linguística significativa na área em que é falada (por volta de um terço da França, ou seja, 33³ departamentos – divisão administrativa do país –, mas também está presente em quatorze vales do Piemonte italiano e no Vale de Aran, na Espanha). Além da variação dialetal que pode ser observada nesta língua, as estruturas comuns aos vários dialetos permitem definir um diassistema occitânico no qual a intercompreensão estabelece os limites externos entre as seis principais variedades que compõem esta língua (*Languedocien, Provençal, Gascon, Limousin, Auvergnat e Vivaro-Alpin*). A abordagem fonológica que desenvolvo em minha pesquisa é alimentada por dados da dialectologia de campo. Há vários anos, venho tentando mostrar que o uso de teorias fonológicas sobre a sílaba em constituintes organizados não só nos permite dar conta da estrutura interna desta língua, mas também de sua variação dialetal, especialmente no nível de terminações silábicas. Esta abordagem nos permite ir além da tradicional abordagem geolinguística da variação baseada em isoglossas. A tipologia silábica que eu defini para o occitano serve como uma unidade de medida da variação dialetal, ao mesmo tempo em que torna possível dar conta do funcionamento supradialetoal que reflete a unidade subjacente desta linguagem além da evolução dessemelhante de seus dialetos no tempo e no espaço. A diversidade dialetal desta língua ainda representa um vasto campo de investigação para fonólogos. Nos últimos anos, também ampliei meu campo de pesquisa, interessando-me pela tipologia silábica das línguas românicas, com especial atenção ao catalão, uma língua que gradualmente se separou do occitano a partir da Idade Média por razões históricas, mas que ainda é totalmente compreensível para os falantes de occitano.

Outro aspecto de minha pesquisa diz respeito ao surgimento de padrões linguísticos escritos no período medieval, para o qual o occitano sem dúvida representa um dos modelos incomparáveis no domínio românico. O occitano tendo sido pioneiro no estabelecimento de práticas de escrita padronizadas na Idade Média, tanto no registro lírico dos Trovadores,

3 39 se contarmos os departamentos nos quais ela está apenas parcialmente presente.

como também para os usos pragmáticos da linguagem (tratados retóricos, gramáticas, textos jurídicos, notariais, administrativos ou científicos). Eu também estou trabalhando na edição digital de textos antigos em occitano em formatos padronizados (XML-TEI) que agora nos permitem prever a interoperabilidade entre os diversos documentos editados neste formato com o objetivo de propor um processamento parcialmente automatizado dos dados obtidos (análise morfossintática e lexical, assim como análise gráfica). Estes trabalhos permitem avaliar as diversas evoluções que caracterizam o occitano desde o período medieval até os dias atuais e, em particular, avaliar e medir a continuidade do uso léxico entre a Idade Média e o período contemporâneo.

A abordagem sociolinguística que caracteriza minha pesquisa está ligada ao fato de que é impossível fazer pesquisa sobre o occitano sem também se interessar pelo lugar social desta língua e pelos efeitos do contato linguístico sobre seu uso. A revista *Lengas*⁴, que dirijo há vários anos, é uma revista de sociolinguística que dá um lugar importante a esta questão do contato linguístico, não só para o occitano, mas também para todas as outras línguas em situação de diglossia. Estes trabalhos se inscrevem na esteira dos modelos teóricos desenvolvidos pela escola de sociolinguística de Montpellier em torno de Robert Lafont, que, em colaboração com sociolinguistas catalães, está na origem de uma análise original da situação das línguas dominadas ou em contato, em particular através de uma releitura crítica do conceito de diglossia proposto por Ferguson (1959) e Fishman (1967). Esta perspectiva sociolinguística tem guiado minha pesquisa sobre a questão da escrita occitana desde a Idade Média até os dias de hoje, seja para o estudo da literatura occitana ou para usos escritos não literários. Nos últimos anos, também dediquei uma série de estudos aos usos gráficos do occitano em outros períodos, na medida em que eles são de alguma forma um espelho do lugar do occitano na sociedade francesa, particularmente no período do século XV ao século XIX, que se caracteriza por um declínio social desta língua.

Questão 2

Qual é o estatuto linguístico e social do occitano: língua materna, segunda língua? É língua de quantos falantes, de que comunidade(s), de que tipos de textos orais e escritos (de documentos e/ou veículos oficiais, por exemplo)?

O occitano sofre há muito tempo com a falta de visibilidade na sociedade francesa devido aos preconceitos que envolvem sua prática e uma política linguística que, desde a Revolução Francesa em particular, tem tentado erradicar o “*patois*” (num sentido pejorativo) e generalizar o uso do francês nas práticas orais. Na França, as representações dos idiomas foram e ainda são em grande parte moldadas pelo modelo da língua francesa, que foi imposto institucionalmente e que levou a uma confusão entre a hierarquia administrativa oficial dos idiomas (língua nacional

4 <https://journals.openedition.org/lengas/>.

e língua regional) e uma hierarquia de qualidade desses idiomas. Este não é o espaço para definir o longo processo de minoração do occitano na sociedade francesa, mas vale a pena lembrar apenas que a construção do francês oficial, particularmente desde a Revolução, se desenvolveu através de um discurso de negação da alteridade linguística que consistiu em particular em desconstruir ideologicamente todo o espaço cultural e linguístico do occitano. Embora o occitano tenha sido uma língua medieval de prestígio, seu uso administrativo escrito começou a declinar no século XVI com a oficialização do francês escrito (Portaria de Villers-Cotterêts em 1539, sob o reinado de François I). Seguindo as políticas linguísticas levadas a cabo pelo Estado francês para promover o francês oral, particularmente desde a Revolução Francesa, a transmissão familiar diminuiu gradualmente, mas foi sobretudo com a introdução da escolarização obrigatória no final do século XIX (Leis Jules Ferry de 1880-1881) que o conhecimento do francês por todos se tornou obrigatório. Os movimentos renascentistas e literários occitanos que surgiram no século XIX (*Félibrige*, Occitanismo...) não foram capazes de reverter esta tendência, a ponto de a transmissão familiar do occitano ter parado em meados do século XX.

Entre as várias línguas da França, agora é mais fácil identificar o bretão, o corso, o basco e até mesmo o catalão porque essas línguas também levam o nome de uma região, enquanto o occitano, que nunca se constituiu como uma entidade política distinta, leva apenas o nome de sua língua (occitano ou *langue d'oc* vem da maneira como se diz “sim” nessa língua, ou seja, “òc”).

Hoje é difícil estimar com exatidão o número de falantes do occitano na medida em que a construção da identidade francesa em torno da ideia de um povo indivisível não permite que sejam feitas perguntas nas estatísticas realizadas na França em nível nacional que poderiam levar a pensar que existem identidades ou grupos étnicos distintos. No início do século XX, o linguista Jules Ronjat estimou que existiam 10 milhões de falantes do occitano. A pesquisa realizada pelo *Ofici public de la lenga occitana* (OPLO) em 2020 em duas das quatro grandes regiões de língua occitana (Occitânia e Nouvelle-Aquitaine) indica que o número de locutores que declaram falar occitano sem dificuldade corresponde a aproximadamente 7% da população desses territórios⁵. Como a transmissão de família para família parou gradualmente nas décadas seguintes à introdução da escolarização obrigatória, os últimos falantes que herdaram o occitano como língua materna são muito idosos. O occitano agora só é transmitido como segunda língua, principalmente no contexto escolar.

Em todos os casos, a língua occitana tem uma grande riqueza de documentação cobrindo todos os períodos, desde a Idade Média até os dias de hoje. Embora os cancioneiros dos Trovadores tenham sido objeto de numerosos estudos de pesquisa na França e no exterior,

5 <https://www.ofici-occitan.eu/fr/restitution-des-resultats-de-lenquete-sociolinguistique/>.

muito poucos estudos foram dedicados à escrita pragmática, administrativa ou científica em occitano durante este período, embora os documentos sejam muito abundantes. O trabalho de digitalização e publicação digital realizado na França e na Europa permite cada vez mais o livre acesso a vários documentos desde a Idade Média (Dicionário informatizado do occitano medieval⁶, textos literários⁷, textos de occitano pragmático⁸, etc.) até os dias de hoje (<https://occitanica.eu/enciclopedia>). Apesar do status diaglósico da língua, que limitou severamente seu desenvolvimento, o uso oral e literário do occitano nunca foi interrompido até hoje. Um movimento literário renascentista occitano começou no século XVI, depois novamente no século XIX com a fundação do *Félibrige*⁹ em torno do poeta Frédéric Mistral, que também escreveu o grande dicionário enciclopédico e etnográfico que ainda hoje é uma referência, *Lou Tresor dóu Felibrige*¹⁰. Ainda hoje existe uma produção literária significativa na Occitânia e várias editoras que publicam obras em occitano (prosa¹¹, poesia¹²...). Há também várias estações de rádio occitanas¹³, alguns jornais, especialmente em formato eletrônico¹⁴, e alguns programas em occitano em canais de televisão regionais¹⁵.

De um ponto de vista lexicográfico, os primeiros dicionários do Occitano começaram a aparecer no século XVIII. Os trabalhos de coleta linguística começaram no século XIX com a criação dos primeiros atlas e os primeiros estudos dialectológicos. Pesquisas ainda estão sendo realizadas hoje entre os últimos falantes nativos. As várias campanhas de pesquisa resultaram no mapeamento de todo o território de língua occitana. Os dados de campo coletados nos vários atlas produzidos entre os séculos XIX e XXI estão agora reunidos no *Thesoc*¹⁶, um banco de dados computadorizado desenvolvido por uma equipe de pesquisadores em Nice, que contém todos os dados dialetais sobre a Occitânia. A documentação oral em occitano é importante, mas estes dados estão dispersos em vários centros¹⁷. Entretanto, algumas delas foram recentemente processadas para a análise da microvariação sintática nos idiomas da França¹⁸. Em todo caso, o mais importante centro de documentação na Occitânia é Lo CIRDOC – *Institut occitan de*

6 <http://www.dom-en-ligne.de>.

7 Por exemplo, o repertório digitalizado da literatura trovadoresca, Rialto (<http://www.rialto.unina.it/>).

8 Por exemplo, a edição recente dos registros do Consulado Medieval de Montpellier (<http://thalamus.huma-num.fr>).

9 <http://www.felibrige.org/>.

10 <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k74854.image>.

11 Por exemplo, IEO-editions, https://ideco-dif.com/ieo_editions.

12 Por exemplo, as Edições Jorn, <http://www.editions-jorn.com/catalogue.htm>.

13 Por exemplo, Ràdio Lengadòc, <https://radiolengadoc.com>.

14 Por exemplo, Jornalet, <https://www.jornalet.com>.

15 Por exemplo Viure al País, <https://france3-regions.francetvinfo.fr/occitanie/emissions/viure-al-pais-0>.

16 <http://thesaurus.unice.fr/>.

17 Por exemplo Talvera, <http://cordae-talvera-documentation.kentika.fr>.

18 <http://symila.univ-tlse2.fr>.

*cultura*¹⁹. Trata-se de um centro associado à Biblioteca Nacional da França (BNF) que tem como objetivo reunir todos os recursos e conhecimentos do campo occitano com um objetivo enciclopédico, acessível em particular através de seu portal multimídia *Occitanica*²⁰.

Questão 3

Como o governo francês e a sociedade francesa em geral veem o idioma occitano, seu uso e seu ensino? Que políticas nacionais de governo, políticas públicas, existem para promoção e valorização dessa língua na França e além da França?

O status oficial do occitano hoje é múltiplo, pois é falado em três Estados diferentes. Na Espanha, no Vale de Aran, o occitano é co-oficial com o catalão e o castelhano e como tal é utilizado oficialmente na administração, de acordo com o Estatuto de Autonomia da Catalunha, mas esta oficialidade do occitano na Catalunha diz respeito apenas a uma pequena parte do número total de falantes de occitano, já que há menos de 10.000 habitantes no Vale de Aran. A proporção de ensino na Occitânia nesta região aumenta para 60% até o início do ensino médio, mas depois diminui. Na Itália, nos vales do Piemonte, o occitano tem o status de língua legalmente protegida, mas o italiano continua sendo a única língua oficial e o occitano não é ensinado nas escolas. Na França, o status linguístico do occitano é simplesmente o de uma língua regional. O artigo 75-1 da Constituição francesa, votado em 2008, estipula que “as línguas regionais fazem parte do patrimônio da França”, mas na medida em que apenas o Francês é a língua oficial da República (artigo nº 2 da Constituição: “a língua da República é o francês”), seu uso é limitado aos círculos privados (famílias, amigos etc.), embora seu ensino tenha sido autorizado desde 1951 desde o jardim de infância até a universidade (lei Deixonne). Desde aquela época, no entanto, o ensino do occitano se desenvolveu amplamente no ensino público (aulas de idioma, turmas bilíngues), mas também no ensino privado (ensino imersivo).

As posições oficiais do governo francês não favorecem atualmente o desenvolvimento do occitano em grande medida. A Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias, elaborada pelo Conselho da Europa para assegurar a proteção das línguas históricas regionais ou minoritárias da Europa, foi assinada pelo governo francês em 1999, mas, embora a assinatura da Carta tenha sido baseada em uma seleção de medidas moderadas, o texto foi finalmente rejeitado pelo Conselho Constitucional francês, porque, de acordo com suas declarações, “A Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias contém cláusulas contrárias à Constituição” e atinge “os princípios da indivisibilidade da República, da igualdade perante a lei e da singularidade do povo francês” (Decisão nº 99-412 DC de 15 de junho de 1999). Ao conferir direitos específicos às comunidades linguísticas, a Carta Europeia, de acordo com o Conselho Constitucional, seria, portanto, contrária ao primeiro artigo da Constituição Francesa, que proclama a indivisibilidade

19 <https://www.oc-cultura.eu>.

20 <https://occitanica.eu/>.

da República, mas seria também, segundo o Conselho, difícil de conciliar com o artigo nº 2, que proclama que “a língua da República é o francês”.

Apesar desses bloqueios, que impedem o reconhecimento oficial genuíno do occitano, alguns avanços institucionais devem ser destacados. Desde 2016, um acordo entre o Estado francês e as regiões da Occitânia e Nouvelle-Aquitaine permitiu o estabelecimento do *Ofici public de la lenga occitana* (OPLO)²¹, uma organização que ajuda a promover o occitano na sociedade, apoiando a formação de professores e estudantes e o desenvolvimento do occitano nas escolas. Ela também subsidia projetos que contribuem para a transmissão e socialização da língua occitana. Infelizmente, esta organização cobre apenas duas das quatro principais regiões nas quais o occitano é uma língua histórica. Desde 2011, *Lo Congrès*²² também oferece ferramentas linguísticas on-line (dicionários, conjugadores, bases de dados terminológicas, digitalização de dicionários históricos, aplicações de síntese e reconhecimento de voz etc.). Atualmente, sou vice-presidente do Conselho Linguístico deste órgão de regulamentação linguística apoiado pelo Ministério francês da Cultura. Um projeto para um grande dicionário histórico da língua occitana está sendo desenvolvido atualmente dentro da estrutura deste órgão.

Questão 4

Como o professor perspectiva a inserção dessa língua no conjunto de línguas românicas? Que atenção em termos de práticas de pesquisa, ensino e difusão (inclusive, via caminho de ciência aberta) tem recebido em contextos universitários e científicos voltados a línguas românicas?

Além do fato de que o occitano é uma língua ameaçada de extinção segundo a UNESCO, ainda hoje faz parte das “*understudied languages*”, em outras palavras, línguas que são subestudadas e para as quais ainda há muita pesquisa a ser feita a fim de melhor compreendê-las. O reconhecimento científico de um espaço linguístico occitano tem sido lento e, como resultado, o occitano só muito recentemente se tornou um objeto de estudo científico por direito próprio. Nas últimas décadas do século XIX, quando se desenvolveu um novo interesse pela literatura ocidental medieval dos trovadores e começaram os primeiros trabalhos científicos de linguística sobre o occitano, vários representantes da linguística francesa oficial, em primeiro lugar Gaston Paris e Paul Meyer, ambos professores do *Collège de France*, desenvolveram amplamente um discurso de negação e rejeição da própria noção do espaço linguístico do occitano e suas variedades dialetais, a fim de melhor apoiar o projeto de unificação nacional em torno do francês e de sua capital, considerando que as variedades occitanas não eram nada mais que variedades distantes e “deformadas” de francês, que eram pejorativamente chamadas de

21 <https://www.ofici-occitan.eu/fr/accueil/>.

22 <https://locongres.org/oc/>.

“*patois*”. Por esta forma de desprezo, eles contribuíram para invalidar e despojar os linguistas do sul de seu objeto de trabalho e contribuíram para reforçar todos os preconceitos transmitidos naquela época sobre as línguas da França, privando os falantes de occitano da possibilidade de acesso a uma forma de “consciência linguística” occitana. Em apoio a estas teorias ideológicas de unificação nacional, foi desenvolvida a noção de Galo-România, que é de fato uma aplicação inadequada dos conceitos histórico-geográficos da linguística e que mostra acima de tudo o peso da ideologia na construção de fronteiras linguísticas arbitrárias. A reconstrução e legitimação de um espaço linguístico do occitano exigiu, antes de mais nada, um longo e provavelmente ainda inacabado processo de desconstrução dos preconceitos e representações, tanto endógenos quanto exógenos, aos quais a língua foi submetida.

No entanto, o princípio da intercompreensão occitana sempre permaneceu na base de todos os estudos linguísticos e sociolinguísticos dedicados ao occitano nos séculos XX e XXI. Foi o linguista Pierre Bec quem adaptou a noção de diassistema ao occitano, propondo uma nova estruturação do occitano que foi além dos limites dialetais tradicionais definidos antes dele. Na última edição de seu trabalho de referência sobre a língua occitana (BEC, 1995, 6), Pierre Bec estendeu a noção de diassistema a todo o espaço que ele definiu como occitano-romance, incluindo o occitano e o catalão neste conjunto distinto de línguas galo-românicas. Na perspectiva de Pierre Bec, o diassistema tornou possível ver nos dialetos occitano e catalão em sincronia não como emergências de novas formas linguísticas, mas sim evoluções díspares no tempo e no espaço de um único protosistema linguístico original (BEC, 1972, 46).

Seja como for, o occitano ocupa um lugar central no conjunto das línguas românicas e é sem dúvida uma das pontes mais interessantes para as outras línguas românicas meridionais (italiano, catalão, castelhano, até mesmo português...). Infelizmente, na ausência de uma forma oficialmente reconhecida e de uma política oficial do Estado francês para sua promoção, esta língua permanece em grande parte desconhecida, ainda hoje em seu próprio território e, em particular, pelos linguistas romanistas. É sobretudo a literatura medieval que tem despertado o interesse dos pesquisadores em nível internacional, mesmo se hoje em dia cada vez mais pesquisas estão sendo feitas sobre literatura moderna e contemporânea, civilização e linguística. Não há muitos pesquisadores trabalhando sobre o occitano na França, mas felizmente existe uma rede internacional de pesquisadores agrupados na Associação Internacional de Estudos Occitânicos (AIEO)²³, da qual sou secretário geral, que reúne cerca de 300 pesquisadores e acadêmicos de todo o mundo interessados em occitano em todos os seus aspectos (língua, literatura, civilização, música, etnologia etc.) A cada três anos, um grande congresso internacional, na França ou no exterior, reúne todos esses pesquisadores.

23 <http://www.aieo.org>

Questão 5

De que maneira se dá a pesquisa e o ensino atual sobre o occitano em Montpellier? E que ações e caminhos a partir do centro de Montpellier têm sido pensados/estão no horizonte, em termos de interlocução com a sociedade sobre o occitano?

A Universidade de Montpellier foi uma das primeiras na França a tornar o occitano um tema de pesquisa no final do século XIX. Além disso, a equipe de pesquisadores occitanistas publica a *Revue des Langues Romanes* (Revista de Línguas Românicas)²⁴, fundada em 1870 por Camille Chabanneau, que ocupou a primeira cátedra de línguas românicas em Montpellier. Foi Charles Camproux, um dos membros fundadores da *Societat d'Estudis Occitans*, o precursor do atual *Institut d'Estudis Occitans*, que criou o primeiro curso de língua e literatura occitana em 1942. Um discípulo de Camproux, Robert Lafont (1923-2009) tornou-se posteriormente uma figura chave na história da pesquisa occitana, pois seu trabalho cobriu campos tão diversos como a literatura medieval, a literatura contemporânea e a linguística. Como professor de occitano na Universidade de Paul-Valéry, ele concentrou grande parte de suas pesquisas em sociolinguística. Após a fundação do *Groupe d'Étude et de Recherche sur la Diglossie Franco-Occitane* (Grupo de Estudo e Pesquisa sobre a diglossia Franco-Occitânica – GERDFO), a equipe de pesquisadores de Montpellier fundou a revista sociolinguística *Lengas*²⁵ em 1977.

O *Centre de recherches en domaine occitan* (Centro de pesquisa da área occitânica – RedOc) da Universidade de Montpellier é o único na França e no exterior cujo trabalho se concentra quase exclusivamente na língua occitana, embora esta equipe também trabalhe em outros eixos transversais de pesquisa dentro da equipe universitária ReSO (*Recherches sur le Suds et les Oriens* – Pesquisas sobre o Sul(s) e o Oriente(s)) da qual faz parte.

A equipe RedOc/ReSO está diretamente ligada a um programa completo de treinamento universitário na Occitânia. É composto por quatro professores-pesquisadores titulares e dois professores do ensino médio (*PRAG*) para a parte de ensino, mas suas habilidades em campos tão variados como estudos medievais, linguística (dialectologia, fonologia), história (medieval, moderna e contemporânea) e literatura (moderna e contemporânea) permitem-lhes cobrir todo o campo espaço-temporal da língua d'oc e sua literatura.

Todos os pesquisadores da equipe RedOc estão envolvidos em um curso universitário sobre o ensino do occitano, que forma especialistas da língua (professores do ensino fundamental e médio, pesquisadores, arquivistas etc.). É a única equipe que está intimamente ligada a um programa de treinamento prático na Occitânia, na França. Todos os pesquisadores da equipe estão, portanto, envolvidos em todos os níveis de treinamento. Este programa oferece uma

24 <https://journals.openedition.org/rlr/>

25 <https://journals.openedition.org/lengas/>.

licenciatura em occitano, dois mestrados, incluindo um mestrado em pesquisa e um mestrado em ensino que prepara os estudantes para cargos de ensino (currículo bilíngue, concursos franceses para professor em nível de ensino médio *CAPES* e *Agrégation* em occitano). Os diplomas em occitano da universidade também estão totalmente acessíveis na França e no exterior através do ensino à distância da universidade. O desenvolvimento do ensino do occitano está fortemente dependente dos arranjos institucionais colocados em prática em nível nacional e este desenvolvimento permanece por enquanto relativamente limitado na medida em que o número de postos abertos aos diversos concursos de ensino permanece muito baixo (quatro postos por ano para o concurso *CAPES*, um posto para o concurso *Agrégation*). Por outro lado, na medida em que a imagem do occitano melhorou consideravelmente na sociedade francesa nos últimos anos, a formação em occitano abre agora novas perspectivas profissionais para estudantes em áreas tão variadas como autoridades/coletividades locais, turismo, jornalismo, bibliotecas e em várias profissões relacionadas à cultura.

Questão 6

Poderia abordar a dinâmica de movimentos de revitalização de línguas e a contribuição da Sociolinguística e de áreas do conhecimento correlacionadas? Que papel têm as perspectivas ideológicas nessa dinâmica? Quando movimentos em prol da revitalização ou fortalecimento de línguas minorizadas ultrapassam ideais e projetos políticos e chegam à realidade social das práticas comunicativas? Em que medida comunidades de fala do occitano servem de norma de referência a espaços oficiais (de educação, documentação, comunicação, desenvolvimento tecnológico)?

Os movimentos renascentistas do século XIX, em cuja vanguarda estava Félibrige, preocupavam-se principalmente com a escrita literária. Frédéric Mistral, a figura principal deste movimento, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1904. Este primeiro movimento de revitalização foi sucedido após a Segunda Guerra Mundial pelo *Institut d'estudis occitans* (IEO), que, ao promover um novo padrão ortográfico baseado nos princípios da ortografia medieval e ao apoiar a criação literária, trabalhou para tornar o occitano não apenas um objeto de estudo e criação, mas também uma ferramenta de comunicação e pensamento moderno. Este instituto orientou gradualmente sua ação para a recuperação social da língua. A escola, que contribuiu para a substituição linguística, representou a esperança de uma possível reconquista do idioma. Uma das maiores realizações institucionais do século XX para o occitano, como para todas as outras línguas da França, foi a promulgação da Lei Deixonne (1951) que autorizou o ensino do occitano nas escolas pela primeira vez. Assim, o occitano foi capaz de se desenvolver pouco a pouco em todos os níveis do sistema educacional, desde o jardim de infância até a universidade.

A circulação do conceito de diglossia na segunda metade do século XX despertou particular interesse entre os pesquisadores das línguas regionais, especialmente o catalão e o occitano. A situação destas línguas dominadas diante das línguas nacionais dominantes deu origem a uma nova abordagem do conceito de diglossia. No âmbito da chamada sociolinguística “periférica” occitano-catalã, os “pesquisadores nativos” consideraram que se nada fosse feito concretamente para defender a língua, a situação de diglossia só poderia levar a longo prazo à assimilação das línguas dominadas, ou seja, ao desaparecimento do catalão e do occitano em benefício do espanhol e do francês, respectivamente. Esta observação levou-os a implementar todo um processo de normalização e revalorização destas línguas, o que deveria levar à revitalização de seu uso nos registros, particularmente os formais, dos quais haviam sido progressivamente privadas. Em contraponto a uma visão estática da diglossia, que assumiu uma distribuição estável e equilibrada das funções linguísticas entre duas formas de linguagem, Robert Lafont (LAFONT, 1997) apresentou uma visão dinâmica e polêmica que levava em conta a posição subordinada da língua occitana, que, como a história mostra, foi progressivamente privada de seus registros de expressão mais prestigiados (literários ou oficiais) em favor do francês. No século XX, a própria sobrevivência da língua occitana estava em jogo com o desaparecimento gradual de seus usos orais e o fim da transmissão familiar. Para Lafont, se nada fosse feito para defender e recuperar as funções linguísticas perdidas pelo occitano, o idioma estava condenado a desaparecer. Recusando a neutralidade, a abordagem proposta por Robert Lafont assume o desenvolvimento de uma sociolinguística engajada social e politicamente e um envolvimento social para a defesa da língua occitana, uma vez que os processos de diglossia são percebidos como inseparáveis do estabelecimento de uma ideologia nacional dominante.

Além da questão social da língua, seu futuro e sua normalização, a abordagem científica deveria permitir acima de tudo dar um status e uma dignidade a uma língua occitana ainda viva e a um objeto de estudo que está escondido há muito tempo por trás da denominação de “*patois*”. Na continuidade desta abordagem, a equipe RedOc está hoje particularmente preocupada em restabelecer a continuidade entre os usos literários medievais, que por si só tinham um direito de lugar na universidade, e os usos contemporâneos (escritos ou orais), que até recentemente tinham pouco ou nenhum lugar. Enquanto durante muito tempo houve uma oposição entre “antigo provençal” (nome dado ao occitano medieval antigamente) e “*patois*” (um termo pejorativo que os próprios falantes do occitano acabaram integrando), os trabalhos de sociolinguística do século XX tornaram possível considerar a língua occitana numa perspectiva diacrônica ininterrupta (desde sua origem até seu status atual como língua regional). As condições de existência da língua occitana em uma situação de diglossia, de sua comunicação escrita e oral, produzindo efeitos na língua que é possível descrever, é a esta tarefa que os pesquisadores da equipe RedOc dedicam amplamente seus trabalhos.

Questão 7

Que ações e interações em termos de uma Sociolinguística ativista ou de um ativismo sociolinguístico prosperam ou têm o potencial de prosperar para sensibilização e apoio institucional à relação entre ciência linguística do occitano e sociedade? Em que medida movimentos e documentos da Unesco têm contribuído para atenção a línguas minoritárias ou minorizadas, especialmente para o occitano?

Durante o século XX, numerosas ações ou eventos foram organizados por associações, particularmente culturais, para que o occitano fosse reconhecido como uma língua e para dar-lhe um lugar social. O engajamento dos pesquisadores occitanistas com a defesa do occitano contribuiu sem dúvida para os progressos institucionais que o occitano está fazendo na sociedade francesa de hoje, mesmo que estes progressos ainda sejam relativamente fracos. De qualquer forma, o início da institucionalização do occitano na França e o crescente apoio que está recebendo ao nível das administrações regionais mostra que a imagem negativa do occitano, antes considerado como um *patois*, melhorou claramente, tanto que o nome ‘occitano’ agora também é usado para fins comerciais ou turísticos (cf. GARABATO; BOYER, 2020). Cada vez mais cidades e povoações estão optando por restaurar sua toponímia em occitano (nomes de cidades e aldeias, nomes de ruas etc.), um sinal de que a língua occitana é percebida como uma parte importante de sua herança.

Além das numerosas criações artísticas em occitano (teatro, música, canções, literatura) que ainda ressoam junto aos falantes de occitano mais velhos, mas também com as gerações mais jovens de neo-locutores, os vários movimentos de defesa do occitano foram estruturados em organizações que hoje contribuem para a revitalização do occitano. O ensino tornou-se gradualmente institucionalizado e estruturado em todos os níveis de formação. Todos os professores das escolas públicas dos 33 departamentos franceses envolvidos são membros da *Fédération des enseignants de langue et culture occitane* (Federação de professores de língua e cultura occitana – FELCO)²⁶ e produzem recursos didáticos de qualidade para o ensino.

Este progresso na imagem do occitano e sua crescente institucionalização não devem obscurecer o fato de que a questão da sobrevivência da língua não foi resolvida. Atualmente, o número de falantes permanece insuficiente para garantir a sobrevivência do idioma, particularmente na ausência de transmissão familiar. Hoje, as gerações mais jovens têm cada vez menos contato com falantes de occitano. Os últimos falantes nativos estão desaparecendo pouco a pouco e o desafio para os próximos anos é treinar neo-locutores suficientes para que o idioma não desapareça e continue a ser transmitido. É por isso que o desenvolvimento do ensino de occitano através de imersão ou formações bilíngues é atualmente uma questão essencial para o futuro do occitano.

26 <http://www.felco-creo.org>

Referências

BEC, P. *La langue occitane*. Que sais-je? n° 1059. Paris: Presses Universitaires de France, 1995 [1963, 1ère édition].

BEC, P. Per una dinamica novèla de la lenga de referéncia: Dialectalitat debasa e diasistèma occitan, 39-61, *Annales de l'institut d'études occitanes*, n°6, T2, Nîmes, IEO, 1972.

FERGUSON, C. A. *Diglossia*. *Word* 15, p. 325-340, 1959.

FISHMAN, J. Bilingualism with and without Diglossia; Diglossia with and without Bilingualism. *Journal of Social Issues*, 23, 29-38, 1967.

GARABATO, C. A.; BOYER, H. *Le marché et la langue occitane au vingt-et-unième siècle: microactes glottopolitiques contre substitution*. Limoges: Lambert Lucas, 2020.

LAFONT, R. *Quarante ans de sociolinguistique à la périphérie*. PARIS: L'HARMATTAN, 1997.

LAFONT, R. Pour retrouver la diglossie, *Lengas* n°15, 1984.